



**XII Encontro da Internacional dos Fóruns e
VIII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns Campo Lacaniano**

Paris, 1 a 5 maio de 2024.

A angústia e diferentes tempos da hiância subjetiva.

Autora: Sonia Alberti A.M.E da EPFCL e membro da FFCL-Brasil e do FCL-Rio de Janeiro

Sub-tema: A Psicanálise e os tempos da angústia.

Quando no espelho “o valor da imagem começa a mudar”, institui-se a “aurora de um sentimento de estranheza que é porta aberta para a angústia”¹. Isso porque o imaginário faz a ponte entre dois significantes que o sustentam, de forma a permitir inventar um jeito de passar de um para o outro sem cair no abismo do real por cima do qual a imagem se constitui. E quando ela vacila, abrem-se brechas que desvelam o dito abismo, abrindo a porta para a angústia. Eis, pois, a primeira definição retomada por Lacan em *R. S. I.*²: a angústia resulta do furo do imaginário e advém do real.

No ano anterior, e também nele, Lacan o ilustrou com o que chamou de apólogo da angústia: imaginou-se vestido de louva-deus macho, diante da fêmea quase 3 vezes maior que ele, espelhado em seus olhos facetados, já sem reconhecer-se e com a questão sobre o desejo do Outro para com ele. Naquele momento, Lacan propunha a angústia como efeito da percepção da presença do desejo do Outro para o qual o sujeito pode ser um resto absolutamente insignificante – eis o que escreve o matema da fantasia como resposta ao $S(\mathcal{A})$ no grafo do desejo: sou esse objeto *a* caído dele e a angústia surge quando me deparo com isso. “Sintoma-tipo de todo acontecimento do real”³, como ainda doze anos depois, n'*A Terceira*, Lacan definiria a angústia, como nos lembra Patrick Barillot⁴, mas se é sintoma,

1 Lacan, J. (2004). *Le Séminaire, livre X: L'Angoisse* (1962-63). Paris, Seuil. p. 104.

2 Lacan, J. *Le Séminaire, livre XXII: R. S. I.* (1974-75). Inédito. Disponível em https://www.valas.fr/IMG/pdf/s22_r.s.i.pdf (acesso em 2 de dezembro de 2023). p. 25.

3 Lacan, J. (1974). *La Troisième*. Disponível em http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf (Acesso 5/3/24).

4 Barillot, p. (2023). *Argument*. Disponível em <https://if-epfcl-paris2024.champlacanianfrance.net/rendez-vous-if/> (Acesso 5/3/24).



implica o Outro, o que confirma as palavras de Colette Soler⁵: a angústia implica o sujeito em sua relação com o Outro.

Quando nessa relação falta um significante que sustente o sujeito e o garanta, em consequência do que a imagem vacila, posso ou reconstruí-la me servindo de outro significante que faça consistir o Outro como Descartes fez com Deus, ou me haver com a falta de um significante no Outro – $S(A)$ –, ou ainda me ver completamente avassalado, como é aliás o caso de um louva-deus macho na situação que o Lacan-louva-deus-macho do apólogo experimenta apenas fantasmaticamente, ou seja, com o Outro.

Interessante, porque todos nós conseguimos acompanhar Lacan em seu apólogo, angustiando-nos como ele. Isso porque Freud já articulava toda angústia com a angústia de castração e a da separação do bebê com a mãe – angústia também da perda do amor nas meninas, que ele associa à de castração no menino. Se o lemos à luz das fórmulas da sexuação propostas por Lacan, a angústia de castração no menino tange o lado chamado todo fálico, e a angústia de castração na menina, o outro. Ora, neste figura o a que, naquele, é substituído pelo Φ , o significante que não tem significado⁶. $S1$ que, por não poder ser todo significado, sempre implicando um resto – a partir do número de ouro –, não pode ser escrito como metáfora, ou seja, Φ/a , porque 1 e a permanecem separados como a água e o óleo nela misturado. A angústia de castração advém quando isso se desvela, deixando a descoberto o a em função do fato de a relação do sujeito com o falo implicar castrado de saída: $-\phi/a$. Ela é um afeto que surge quando o sujeito entrevê que a existência do Outro é mera suposição.

Medo do medo, como o medo de pegar um avião pois nele posso voltar a sentir a angústia que senti num avião da última vez que voei. Novamente, angústia diante do fato de que não há garantias no Outro e que estou à mercê dos ventos, da engenharia, dos pilotos e de seus humores. Fica evidente a inconsistência do Outro.

5 Soler, C., em seu seminário *Lecture du Compte Rendu sur le séminaire "L'acte analytique"*, dia 8 de novembro de 2023.

6 Lacan, J. (1975). *Le Séminaire, livre XX, Encore* (1972-73). Paris, Seuil.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUMS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚSTIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPICL

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

Ora, a inconsistência do Outro tem no objeto *a* seu corolário, esse *vor etwas* freudiano que levou Lacan a criar o objeto da angústia, que cai do Outro. Por um lado, mais uma prova de que não há angústia sem Outro e, por outro lado, uma pista para vislumbrar que a angústia é justamente o que surge quando entrevemos a ilusão em que caímos ao fazê-lo consistir para não nos vermos frente à frente somente com o insabido – ou seja, lá onde o Outro inconsistente, o próprio inconsciente é real.

Com a nova topologia que vai se consolidando no ensino à medida em que Lacan nele avança, não há mais “de dentro” ou “de fora” do psiquismo do modo como ainda orientava uma certa geometria freudiana: o “fora” é o estranho, o objeto *a*, o que não se associa – se nos fiamos na terminologia utilizada por Freud⁷ quanto à Coisa que não se associa –, onde reencontramos a voz de Deus, do chofar, por exemplo, ou o olhar de Édipo que o olha do chão depois que ele se arranca os olhos ao saber os crimes que cometera⁸. Ele está fora do Outro do simbólico, não esse Outro no qual o sujeito encontra uma morada porque nele um significante o representa para outro significante, mas onde ele é não-sabido⁹, ou insabido¹⁰. Siderado perante o objeto olhar ou vociferador, o sujeito se vê sem o Outro, hiancia, *une-bévue*, falha. Daí que, na equivocidade da *une-bévue*, o *Unbewusst* é a própria falha, um outro inconsciente, já não mais o Outro no qual o sujeito do inconsciente se aloja, mas a falha com a qual o sujeito precisa se haver por ela lhe ser original.

Sobrevém então os gozos: o gozo fálico, gozo fora do corpo, por exemplo vem do real da vontade própria do *Wiwimacher* de Hans, implica a angústia de castração. No caso do gozo do sentido, na junção do imaginário e do simbólico, o que fica fora é o real, e é ele que invade de fora do *Joui-sens*, provocando a angústia do *non-sense*. Finalmente, no gozo do Outro, na junção do imaginário e do real, é por falta do simbólico que o sujeito se angustia, falta que cobra a libra de carne diante do que Freud já chamava de angústia moral.

7 Freud, S. (1895/1950). Entwurf einer Psychologie. In *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London, Imago, 1950.

8 Lacan, J. (2004). *Le Séminaire, livre X: L'Angoisse* (1962-63). Paris, Seuil. p. 212.

9 Idem, p. 79.

10 Lacan, J. *Le Séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue qui s'aile à mourre* (1976-77). Inédito. Disponível em <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf> (acesso em 2 de dezembro de 2023). p. 70.



No mais simples nó borromeano de Lacan, o objeto *a* se articula a cada um desses três gozos, e, na medida em que a angústia é sintoma de acontecimento real, sinal da presença do objeto *a*, cada um desses gozos o substitui, mas como eles não são significantizáveis, isso não metaforiza..., mesmo se eles sossobram para fazer consistir a minha experiência de falasser.

Será que é por isso que, em 1920, Freud¹¹ distingue da *Angst*, *Furcht* e *Schreck*? Poderíamos articular a *Furcht* com o horror de o sujeito se ver absolutamente reduzido a objeto sem recurso a mais nenhum Outro, diante do puro saber do real; e o *Schreck* como a própria experiência traumática repetida *ad infinitum* que também já não me permite eu me encontrar? Sem sujeito e sem Outro já não há angústia, ao passo que ela ainda subsiste como efeito dos gozos em suas articulações com o objeto *a* – que implica o Outro –, angústia sinal de que mesmo nos gozos algo sempre fica de fora, falta... pois não há relação sexual.

Referências:

- Barillot, p. (2023). Argument. Disponível em <https://if-epfcl-paris2024.champlacanianfrance.net/rendez-vous-if/> (Acesso 5/3/24).
- Freud, S. (1895/1950). Entwurf einer Psychologie. In *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London, Imago, 1950.
- Freud, S. (1920/1975). Jenseits des Lustprinzips. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a.M., S. Fischer, vol. III.
- Lacan, J. (2004). *Le Séminaire, livre X: L'Angoisse* (1962-63). Paris, Seuil.
- Lacan, J. (1975). *Le Séminaire, livre XX, Encore* (1972-73). Paris, Seuil.
- Lacan, J. (1974). *La Troisième*. Disponível em http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf (Acesso 5/3/24).
- Lacan, J. *Le Séminaire, livre XXII: R. S. I.* (1974-75). Inédito. Disponível em https://www.valas.fr/IMG/pdf/s22_r.s.i.pdf (acesso em 2 de dezembro de 2023).
- Lacan, J. *Le Séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue qui s'aile à mourre* (1976-77). Inédito. Disponível em <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf> (acesso em 2 de dezembro de 2023). p. 70.

11 Freud, S. (1920/1975). Jenseits des Lustprinzips. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a.M., S. Fischer, vol. III.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPICL

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

Soler, C.: em seu seminário *Lecture du Compte Rendu sur le séminaire "L'acte analytique"*, dia 8 de novembro de 2023.